



## PARA ONDE VAI O ATLETISMO?

Pelo Ten. DARCY BLANCO GARCIA

**A** ININTERRUPTA quebra dos recordes mundiais no esporte-base sugere-nos uma pergunta: para onde vai o atletismo?

O homem, em seu afã de aperfeiçoamento constante no campo das vastas atividades humanas, empenha-se numa luta titânica, para desvendar os mistérios da complexa natureza humana, para o aproveitamento máximo de seu rendimento.

No esporte helênico, o homem emprega sua força e energia, contra a gravidade e contra a resistência do ar, saltando, correndo ou lançando. A fadiga, entretanto, atua com grande intensidade, diminuindo a eficiência nas diversas provas. A trena e cronômetro, contra quem os atletas mantêm duelo constante, são os juizes implacáveis na aferição das marcas. Equipes de médicos especializados e técnicos estudiosos vão dissecando, por um lado, o homem em si; por outro, as minúcias que em seu conjunto compõem a estrutura de um treinamento. O fruto da observação meticulosa e de um estudo criterioso, é a experiência exitosa; em síntese, o progresso, o avanço a caminho do impossível.

Qual é o limite das possibilidades humanas? Cate-dráticos do assunto, em épocas diferentes, tentaram determinar os máximos resultados que o homem poderia alcançar no esporte atlético. Esses máximos foram implacavelmente pulverizados com o decorrer dos tempos, em consequência da melhoria dos índices estipulados. É que o homem não estacionou; os padrões de treinamento progrediram e os recordes foram derrubados.

A velocidade, aliada à força, é a arma de que todos os atletas dispõem para sobrepujar os resultados torpes.

Passam os atletas e ficam seus feitos até que outros mais treinados se projetem no cenário esportivo mundial.

Nurmi, Gunder Haegg, Jesse Owens, Jim Thorpe, em épocas diferentes, conquistaram marcas excepcionais de ressonância tão grande, que até hoje são lembradas com saudade.

Mais recentemente, um grande "astro" desceu ao ocaso: Emil Zatopek, "a locomotiva humana". Quem não conhece a "bagagem" desse extraordinário campeão que, em 1952, nas Olimpíadas, atingiu a honra de conquistar três medalhas de ouro em provas individuais, com resultados recordes, porém já batidos. Nem os vetustos 4,77m de Warmmerdan, na Vara e 8,13m de Owens, em distância, que são os recordes mais antigos, estão imunes contra o apetite dos atletas modernos.

O maior progresso no esporte-base tem sido nas provas de arremessos e corridas de fundo e meio fundo. Parry O'Brien foi o primeiro arremessador do mundo que conseguiu ultrapassar a casa dos 19 m no pêso. Roger Bannister foi o primeiro a quebrar a barreira dos 4 min. para a milha, enquanto que C. Dumas derrubava outra barreira: a dos 7 pés no salto em altura. Krivonosov, na Rússia, e Conolly, nos Estados Unidos, dois atletas que sem terem se encontrado nas pistas, travavam um duelo sensacional pela supremacia no lançamento do martelo, finalmente, encontram-se na Olimpíada de Melbourne: vitória do americano. Nas pistas, antes do declínio de Za-

topek, surgira um novo "meteoro" na constelação atlética: Vladmir Kuts, considerado pela imprensa mundial, como o melhor atleta de 56.

Credenciais para o título: campeão e recordista olímpico dos 5 e 10 mil metros. Nesta última distância, recordista mundial também. Há uma "revolução" fracassada no dardo: os recordes se sucedem. O pequeno I. Murchison e W. Williams assombram o mundo numa competição militar em Berlim, conseguindo 10,1 seg. para os 100 metros. D. Sime, de 19 anos, no espaço de um mês, bate duas vezes a melhor marca dos 200 m, alcançando 20,1 e 20 seg. "duros". Os europeus não descansam; grandes nomes se projetam: Pirie, Ilharos, Moens, Danielson. Estamos citando apenas os do nalpe masculino. O atletismo feminino é uma história à parte.

Precisaríamos de muito espaço para citar a evolução dos recordes na última década. Examinemos as tabelas vigentes nas Olimpíadas de Londres em 48 e verifiquemos a "dança" de nomes e resultados, para justificarmos esta pergunta: Para onde vai o atletismo?